



A LINGUAGEM NO BANHEIRÃO: PEGAÇÃO E RESISTÊNCIA?

DAVI SANTOS DA SILVA ¹

ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES ²

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a linguagem utilizada no fazer banheiro, bem como estabelece uma relação com pegação e resistência, majoritariamente do público LGBTQIA+. Especificando o banheiro como uma válvula de escape dos regimes heteronormativos, sendo assim um ato de resistência desta comunidade abjeta e marginalizada. Com metodologia de caráter qualitativo, exemplificamos a descrição das experiências vividas pelo autor do artigo, bem como uma contextualização, que se embasa em Paul Preciado (2019), Judith Butler (2021, 2018), Michel Foucault (1985), Anderson Ferrari (2015) e Richard Miskolci (2021).

Palavras-chave: Linguagem, Banheiro, Resistência, LGBTQIA+.

Eu??? Bicha banheiro?

Para início de conversa, a prática de fazer banheiro é bem recente na minha vida enquanto pessoa LGBTQIA+³, especificamente homem cis, gay, negro, professor e militante. A primeira vez que me deparei com ações sexuais em banheiros públicos foi uma sensação estranha e nova. Era dia de fazer o concurso para Assistente Administrativo do Estado da Bahia, e fui à Universidade Federal da Bahia (UFBA), e ao terminar a prova, tomei uma

¹ Mestrando do Curso de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, david15silva@hotmail.com; bolsista pela FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Processo nº 072.4195.2022.0012386-57).

² Professor orientador: Doutor em Ciências da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, alexandre.pro@gmail.com.

³ Utilizo a sigla LGBTQIA+ para abordar identidades coletivas e a evolução de movimentos dissidentes de gênero (FACCHINI, 2005).



condução até o Terminal Rodoviário de Salvador. Ao chegar na rodoviária, entrei em um banheiro e me deparei com uma cena de pegação. Vários homens, aparentemente de idades diferentes, estavam em círculo masturbando-se de forma recíproca e, próximo, um jovem abaixado praticava boquete⁴. No momento, fiquei apavorado com a cena e saí imediatamente do banheiro. Um dos praticantes veio atrás de mim, subiu as escadarias correndo até me alcançar e começou uma conversa com o objetivo de saber se iria contar a alguma autoridade o que havia visto.

A cena de práticas sexuais, pouco conhecida por mim, me ocasionou uma chuva mental e logo comentei com um amigo que aparentemente sabia das práticas e afirmou: "Mentira viado que você não sabia e nem faz banheirão". Afirmei que naquele momento foi a primeira vez que havia visto e nem sabia que se chamava banheirão. Até então eu era uma bicha militante, presidente do Grupo Diversidade de Catu, e depois a partir desse momento, uma "bicha banheirão"⁵.

A partir daí, percebi que, em diversos lugares, especialmente banheiros, a prática era frequente entre pessoas da comunidade LGBTQIA+. Ao observar essas ações inicialmente em banheiros da cidade de Salvador, percebi que essas ações têm como objetivo burlar um Sistema normativo e regulador, sendo uma prática que viola as normas, leis e regras.

Banheiro, um espaço comum em todes⁶ os ambientes, sejam eles públicos ou privados, pessoais ou de lazer. O fato é que em todes os locais existem um banheiro. A criação dos banheiros foi condicionada a um espaço para a realização de necessidades fisiológicas, sendo um espaço destinado à privacidade.

⁴ Ação de excitar o pênis com a boca; feição.

⁵ "Bicha banheirão" é um termo comumente utilizado por gays para definir indivíduos que têm o hábito de usar banheiros públicos para paquerar e fazer sexo, prática amplamente utilizada e difundida em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

⁶ Usarei a linguagem inclusiva de gênero, no intuito de inclusão e difusão da nova vertente de linguagem que será discutida com ênfase mais para frente. "Todes", "menine" e "amigues" são exemplos dessa linguagem cada vez mais comum entre membros da comunidade LGBTQIA+.



Ao pensarmos em privacidade, imaginamos o privado, como algo sigiloso que podemos direcionar ao pudor, ou seja, local que a disciplinação dos corpos acontece em um espaço que a sua arquitetura foi pensada para isso.

De acordo com Certeau:

Somente os banheiros oferecem uma fuga do sistema fechado. Eles são os fantasmas de amantes, uma saída para o doente, um refúgio para as crianças (Quero fazer xixi!) - Um pequeno espaço de irracionalidade, como histórias de amor e esgotos nas utopias de outros tempos (CERTEAU, 1984, p.111).

Os banheiros oferecem ao usuário uma válvula de escape para todos, na sua maioria como algo privado, oferece um refúgio para quem usa o espaço. Dentro dessa ampla privacidade, vislumbramos que as normas são impostas e onde há normas, existem as possibilidades de transgressão, o desejo de romper com as normas aparece e com frequência.

Para Foucault (1998), a sociedade estabelece um conjunto de normas e regras implementadas pela religião, justiça, educação e saúde, que relacionados a questão da sexualidade ganham diversas manifestações, que reconfigura seu significado.

Sendo assim, a história do sexo vislumbra e demonstra a hipocrisia de nossas sociedades burguesas, forçando algumas concessões, mas não permitindo o sexo ilícito, sendo perturbador em outros lugares, além dos padrões e regras do sexo binário masculino-feminino (FOUCAULT, 1998).

Com as imposições sobre o sexo, vislumbramos possibilidades diversas de preconceitos em uma sociedade binária, onde até os atos sexuais devem ser controlados e binários, um controle total dos corpos com imposição de regras e condutas para satisfazer a lógica heteronormativa.

No aspecto de transgredir as normas, temos a prática do banheirão, que tem diversas finalidades, entre elas o uso de drogas, conversas e sexo, e normalmente usada com função ou pegação (VIP, A; LIBI, F, 2006), sendo uma prática que considero subversão aos atos sexuais tradicionais. O banheirão, que necessariamente é a pegação que acontece entre as pessoas que



realizam a prática se manifesta de diversas formas e contribui para uma interação que utiliza linguagem específica nas ações. Sendo assim, qual a linguagem utilizada no fazer banheirão? No ato de fazer banheirão é só pegação ou temos resistência?

Este trabalho visa evidenciar a linguagem utilizada nas ações de pegação nos banheiros, como um ato de resistir frente as investidas de poder de um sistema cisheteronormativo. Diante do objetivo, percebemos que a existe uma linguagem utilizada nas práticas realizadas nos banheiros, e que os praticantes, normalmente pessoas LGBTQIA+, mostram a tentativa de fugir de um sistema de enquadramento dos corpos, transgredindo o ato sexual com práticas sexuais realizadas nos banheiros.

Com metodologia de caráter qualitativo exemplificamos a descrição das práticas realizadas no banheirão e quais linguagens essas pessoas utilizam, sendo assim foi realizado um levantamento de estudos que evidenciam a prática, e que abordam a presença dessas manifestações linguísticas, relacionada a teoria utilizada para embasar as discussões teóricas.

O escrito foi dividido em duas seções. A primeira com o título: “Língua (agem) de pegação e ménage”, mostra como a linguagem em sentido amplo é utilizada nas ações práticas no banheirão; a segunda seção, “Conseguiu gozar?”, apresento algumas considerações parciais sobre as questões abordadas durante a contextualização da escrita.

Língua (agem) de pegação e ménage

A prática do banheirão, realizada em diversos locais com base nos estudos e nos levantamentos teóricos realizados, mostra que para a ação ser efetivada existe uma linguagem específica, a qual é utilizada visando a efetivação da ação sem nenhum dano ao usuário.

Para Anderson Ferrari (2015. p.11):

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



É a linguagem e a cultura que parecem designar destinos diferentes para homens e mulheres e, nessas definições criam as diferenças que vão servir para fixar as sexualidades. Não parece possível pensar em masculinidade e feminilidade no singular, assim como não é possível também esse mesmo tipo de raciocínio para a homossexualidade. Masculinidades e feminilidades são distribuídas em combinações variadas nos corpos e práticas de homens e mulheres, de forma que parece pertinente pensar em uma sexualidade para cada indivíduo, impossibilitando agrupar as diferenças em identidades a não ser à custa de pequenas diferenças individuais que interessam a cada grupo.

A linguagem e a cultura desempenham um papel fundamental na construção das identidades de gênero e na formação das diferentes sexualidades presentes na sociedade. Ao designar destinos diferentes para homens e mulheres, bem como ao criar definições que reforçam essas diferenças, esses elementos contribuem para a fixação e reforço dos padrões normativos de masculinidades e feminilidades. No entanto, é importante ressaltar que não é possível pensar em masculinidade e feminilidade de forma singular, assim como também é inviável adotar o mesmo raciocínio para a homossexualidade. Isso se deve ao fato de que as masculinidades e feminilidades são distribuídas de maneira variada nos corpos e práticas de homens e mulheres, resultando em uma ampla gama de combinações possíveis. Sendo assim, torna-se pertinente conceber a existência de uma sexualidade única para cada indivíduo, impossibilitando a categorização das diferenças em identidades fixas, a não ser à custa de ignorar as pequenas diferenças individuais de interesse de cada grupo.

Essa noção de que as identidades de gênero e as sexualidades são fluídas e complexas desafia as visões binárias tradicionais, que tendem a restringir a diversidade humana a categorias rígidas e inflexíveis. Ao invés disso, reconhecer a multiplicidade das experiências de gênero e sexualidade permite uma abordagem mais inclusiva e respeitosa, capaz de acomodar a complexidade da diversidade humana. É fundamental que a sociedade busque questionar os padrões normativos que perpetuam desigualdades de gênero e discriminação, a fim de promover uma maior aceitação e respeito

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA
VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.
VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO
CANTINHO DO GRIÔ



pela diversidade sexual e de gênero. Por meio da desconstrução de estereótipos de masculinidade e feminilidade, é possível abrir espaço para uma vivência plena e autêntica das identidades de gênero e das sexualidades, criando uma sociedade mais justa e igualitária para todes.

O banheiro é uma contestação as rigidezes dos padrões de gênero e sexualidades, pois nesse espaço é permitido qualquer interação sexual, independente da orientação sexual e identidade de gênero. Esse fenômeno é mais comum em banheiros de shoppings, academias, estações de trem e outros locais de grande circulação. Neles, muitas vezes, se estabelece um código não verbal entre os interessados, utilizando gestos e olhares para sinalizar interesse ou disponibilidade. Algumas pessoas veem nesses espaços uma forma de buscar liberdade e autoexpressão da sua sexualidade, especialmente aquelas que não se sentem confortáveis em expor suas preferências em outros ambientes ou que enfrentam barreiras sociais e culturais.

Por não ter uma sociedade que valorize a liberdade sexual, e que nos impõe regras e normas, essas transgressões acontecem, e esse processo é justamente nos banheiros, um espaço que foi condicionando há muito tempo a um local para as necessidades fisiológicas. Por sua vez, Preciado (2011) afirma que, desde o século XIX, os banheiros públicos foram gradualmente transformados em "cabines de vigilância do gênero". O autor está consciente de que "escapar ao regime de gênero do banheiro é questionar a segregação de gênero que a arquitetura moderna nos impôs durante mais ou menos dois séculos com divisões binárias: público/privado, visível/invisível, decente/profano, homem/mulher, pênis/vagina, em pé/sentado, ocupado/livre.

O banheiro é uma tecnologia de gênero que merece ser repensada. Divisões arquitetônicas são uma das diversas formas que a sociedade encontra para colocar cada um em seu quadrado, no caso do banheiro no seu lugar de masculino e feminino (MIKOLCI, 2021, p. 42-43). Esse modelo



arquitetônico são tecnologias de construção de gênero, porém por meio de ações como a prática de fazer banheirão, estamos tentando burlar as imposições desse sistema.

Ainda pensando em minhas andadas pelos diversos banheiros da capital baiana, em outra entrada em um banheiro da estação do metrô, me deparei novamente com a cena de pegação, um verdadeiro *ménage à trois*, termo originalmente da língua francesa, que significa relação sexual ou afetiva entre três pessoas, ou mais. A cena me chamou atenção, porém continuei meus afazeres e seguir. Ao sair, um jovem, me disse que a partir daquele momento, para identificar quem queria participar, deveria ligar seu ponto de acesso da internet móvel do celular e mudar o nome, colocando pegação, as características e até o contato do celular para mais informações. Sendo um tipo de linguagem virtual utilizada na rota de pegação do banheirão.

A linguagem no fazer banheirão é composta por diferentes elementos. Um desses elementos são os sinais visuais, como o uso de furos nas divisórias dos banheiros, que indicam disponibilidade para envolvimento sexual. Além disso, também podem ser utilizados lenços de cores específicas, dispostos em bolsos ou em partes do corpo, para sinalizar preferências ou desejos particulares. Esses códigos visuais são importantes meios de comunicação para estabelecer uma conexão com outros indivíduos presentes no ambiente. Outro aspecto da linguagem no fazer banheirão é o uso de palavras ou expressões específicas, que podem ser utilizadas discretamente durante uma conversa casual nos banheiros públicos ou em aplicativos de relacionamento. Essa linguagem codificada permite aos participantes identificar interesses em comum e estabelecer um diálogo voltado para o encontro sexual.

Muito de vocês, leitores, devem estar se perguntando, mas ele presenciou essas ações e não participou? Sim, não participei efetivamente, visto que o medo de sanções falou mais alto, pois mesmo sendo uma transgressão as normas impostas, as atividades sexuais em banheiros públicos



podem ser ilegais em muitos lugares e podem representar riscos à saúde e à segurança pessoal dos envolvidos.

A troca de olhares, comum na vida cotidiana das pessoas, é essencial para o namoro homossexual. Por exemplo, a partir de apenas um olhar mútuo na rua, pode surgir um convite para fazer sexo rápido em algum lugar próximo. A linguagem discreta e secreta do banheiro torna-se um convite para quem ali deseja embarcar em uma aventura erótica, pois o caráter semiótico desse ambiente é secreto e sinistro. No banheiro a comunicação é delicada, as palavras são supérfluas e a excitação nasce num lugar sujo, desconfortável, público, anônimo, onde é difícil o acesso rápido à privacidade, o outro permite que os desejos urgentes que surgem da oportunidade sejam expressos.

Em reportagem da revista online *médium* (2018), o jornalista Alefy Soares traz algumas contribuições para pensarmos na linguagem utilizada no banheiro. Essa listagem, faz com que as práticas se tornem seguras, bem como amigáveis, são elas: não converse durante o banheiro; troque olhares discretos para saber se o homem ao lado também quer; caso perceba que o homem ao lado não está afim, pare; não seja violento; não obrigue ninguém a nada. Sendo assim, a troca de olhares é o ponto principal para a prática acontecer, assim como outros sinais importantes para que a ação se efetive.

Com muita pegação e *ménage* dentro dos banheiros, estamos desestruturando a arquitetura dos banheiros, que são tecnologias de construção de gênero, e assim resistindo ao sistema heteronormativo e patriarcal. Além disso, e acima de tudo estamos nos desidentificando de ações regulatórias da diferença sexual (BUTLER, 2001), abrindo o leque de possibilidades de resistências frente às investidas de poder da sociedade.

Conseguiu gozar?

É indispensável que a arquitetura dos banheiros foi feita para o controle



do gênero, entretanto essas ações fogem do padrão e desafiam essa lógica, contestando a lógica binária, bem como as relações sexuais impostas pela sociedade.

De acordo com Fellipe Marino (2015), o banheirão é uma prática que ocorre em locais simultaneamente dentro e fora da cidade. Esses espaços urbanos podem ser considerados cenários urbanos que vão além dos limites geográficos da cidade, como, por exemplo, o campo, os parques, os bosques, os jardins e os banheiros públicos. Ao mesmo tempo, em que esses espaços estão situados na cidade, eles também são alheios a ela. Isso ocorre porque a prática do banheirão representa uma forma de resistência às lógicas hegemônicas que envolvem o sexo, a sexualidade, a excitação e o próprio corpo. Nesses locais, a prática do banheirão escapa ao controle dos corpos e à vigilância do panóptico. O banheiro público é emprestado com significados conotativos repulsivos, associados aos sistemas excretores do corpo humano, como o ânus, que está ligado à função de defecar, e o pênis, que está associado à função de urinar.

A prática de fazer banheirão é uma forma de subverter normas sociais e de questionar as convenções estabelecidas sobre sexualidade e comportamento. Ao ocupar esses espaços considerados marginais, os praticantes do banheirão dão visibilidade a uma sexualidade que muitas vezes é reprimida e estigmatizada. É uma forma de resistência contra as normas estabelecidas.

Ao agir dessa maneira, o banheirão se estabelece como um espaço alternativo e subversivo, onde os indivíduos podem desfrutar de encontros sexuais sem a necessidade de se submeterem aos padrões impostos pela sociedade. É importante ressaltar que o ato de se engajar na prática do banheirão é um movimento em direção à liberdade e à autonomia sexual.

Em suma, o banheirão transcende sua mera função utilitária, adquirindo um simbolismo poderoso para aqueles que o frequentam. Ele representa um escape da rigidez das normas sociais, uma celebração da diversidade e uma



afirmação corajosa da sexualidade livre e autêntica. Essa subversão das convenções estabelecidas oferece aos frequentadores do banheiro uma chance de explorar seu próprio eu e de encontrar conexões invisíveis em um mundo que nem sempre valoriza sua identidade sexual. Ao ocupar esses espaços considerados marginais, os praticantes do banheiro contribuem para a ampliação da visibilidade de uma sexualidade que frequentemente é reprimida e estigmatizada pela sociedade. Essa prática desafia as normas vigentes e busca quebrar a invisibilidade imposta às manifestações sexuais não heteronormativas.

Para uma transgressão efetiva, todas as relações acabam ali mesmo no banheiro, esse encerramento é marcado pelo gozo, que no ato sexual é o ápice, chegamos ao final, com muito prazer, ou não. Ao gozar, os participantes encerram sua jornada no banheiro, que foge desses enquadramentos e do controle do cu, sendo um ato de contestação do sexo na sociedade binária.

REFERÊNCIAS

BONFANTE, G. M.; MARINO, F. U. Do dejetivo ao desejo: arquitetura de banheiros como dispositivo de controle da sexualidade. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 117–131, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p117-131. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7802>. Acesso em: 20 out. 2023.

BUTLER, Judith, **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CERTEAU, M. (1984). **The practice of everyday life**. University of California Press, Berkeley.

FACCHINI, Regina. **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 79-123, 2003.

FERRARI, Anderson. **A “bicha banheiro” e o homossexual militante: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual**. 29ª Reunião anual da

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ

ANPED: Caxambu, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. II: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora / UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017 (Série Cadernos da Diversidade, vol. 6).

PRECIADO, Paul B. **Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino**. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. eRevista Performatus, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102.

SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer banheiro**: As dinâmicas das interações homoeróticas nos Sanitários públicos da estação da lapa e adjacências. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas).. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-781123>. Acesso em: 10.setembro.2023.

VIP, A; LIBI, F. **Aurélia, a dicionária da línguaafiada**. São Paulo: Editora do Bispo, 2006.